

**REVOLUÇÕES
BRASILEIRAS**

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador

Mário Sérgio Vasconcelos

Diretor-Presidente / Publisher

Jézio Hernani Bomfim Gutierre

Superintendente Administrativo e Financeiro

William de Souza Agostinho

Conselho Editorial Acadêmico

Júlio Cesar Torres

Luís Antônio Francisco de Souza

Marcelo dos Santos Pereira

Maurício Funcia de Bonis

Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen

Ricardo D'Elia Matheus

Sílvia Maria Azevedo

Tatiana Noronha de Souza

Trajano Sardenberg

Editores-Adjuntos

Anderson Nobara

Leandro Rodrigues

GONZAGA DUQUE

**REVOLUÇÕES
BRASILEIRAS**
RESUMOS HISTÓRICOS

2ª edição revista e ampliada

Organização

Vera Lins

Francisco Foot Hardman

Danielle Crepaldi Carvalho



editora
unesp

© 2025 Editora Unesp

Direitos de publicação reservados à:
Fundação Editora da Unesp (FEU)
Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.editoraunesp.com.br
www.livrariaunesp.com.br
atendimento.editora@unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

D946r

Duque, Gonzaga

Revoluções brasileiras: resumos históricos / Gonzaga Duque; organizado por Francisco Foot Hardman, Vera Lins, Danielle Crepaldi Carvalho. – 2ª edição revista e ampliada. – São Paulo: Editora Unesp, 2025.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5711-300-4

1. História do Brasil. 2. Política brasileira. 3. Conflitos. I. Hardman, Francisco Foot. II. Lins, Vera. III. Carvalho, Danielle Crepaldi. IV. Título.

2025-4435

CDD 860

CDU 821.134.2

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

SUMÁRIO

Brasil das revoluções: Gonzaga Duque presente! 9

Prefácio à edição de 1998 13

Introdução 17

Gonzaga Duque (1863-1911): perfil biográfico 27

Cronologia 29

Bibliografia 33

Revoluções brasileiras

Por que *revoluções*? 41

Advertência (da 1ª edição) 45

I Quilombo dos Palmares (Pernambuco – 1630-1695) 47

II Guerra dos Mascates (Pernambuco – 1710-1713) 53

III Levante de Filipe dos Santos (Minas Gerais – 1720) 61

IV Inconfidência Mineira (Minas Gerais – 1789-1792) 65

V Revolução de 1817 (Pernambuco) 77

VI A Independência (tentativas republicanas) 103

- VII Guerra da Independência (Bahia – 1821-1823) 117
- VIII Confederação do Equador (Pernambuco –
Ceará – Paraíba – 1824-1825) 129
- IX Sete de Abril (Rio de Janeiro – 1831) 139
- X As Rusgas (1831-1837) 151
- XI Os cabanos do Pará (1834-1836) 167
- XII A Sabinada (Bahia – 1837-1838) 179
- XIII A Balaiada (Maranhão – 1838-1841) 185
- XIV S. Paulo (Revolta do Partido Liberal – 1842) 191
- XV Minas Gerais (Revolta do Partido Liberal – 1842) 199
- XVI Guerra dos Farrapos (Rio Grande
do Sul – 1835-1845) 207
- XVII Revolta Praieira (Revolta do Partido Liberal
de Pernambuco – 1849) 225
- XVIII Proclamação da República (Rio de Janeiro –
15 de novembro de 1889) 231

Anexos

- Carta do autor 247
- Os festejos do 4º Centenário do Descobrimento
segundo Gonzaga Duque 249
- Resenhas às edições de 1898 e 1905 253
- Bibliografia 255
- Palestra (1) 257
Artur Azevedo
- Palestra (2) 259
Artur Azevedo
- Fagulhas 261
Coelho Neto

- Impressões de leitura 263
Alberto Augusto
- Letras 267
Dario Veloso
- Crônica literária 271
Medeiros e Albuquerque
- Pão nosso de cada dia 273
W.
- Revoluções brasileiras 275
P. S.
- Uma corrigenda (1) 279
Luiz d'Albuquerque Martins Pereira
- Uma corrigenda (2) 283
Gonzaga Duque
- Uma corrigenda (3) 289
Luiz d'Albuquerque Martins Pereira
- Crônica dos livros 293
- Movimento 297
Josefina Carmen Rocha

BRASIL DAS REVOLUÇÕES: GONZAGA DUQUE PRESENTE!

Já fazia certo tempo que a edição de *Revoluções brasileiras*, editada pela Editora Unesp e Cláudio Giordano, em 1998, estava esgotada e reclamava-se sua reimpressão. Aquela edição tentava fazer jus à relevância de Gonzaga Duque como escritor, crítico literário e artístico, pensador libertário. *Revoluções brasileiras*, depois de suas duas primeiras edições, na virada do século XIX ao XX (1898 e 1905), praticamente caíra em relativo esquecimento, seja como resultado da “conciliação conservadora” que predominou na política e na cultura brasileiras durante toda a República, seja pelo viés algo imediatista de nossos currículos escolares e universitários.

Nesse sentido, a decisão editorial que nos leva, agora, a essa nova publicação da obra, apoia-se no desejo de que novas gerações de estudantes e pesquisadores se aproximem desse texto tão apaixonante quanto relativamente original em nossa galeria de ensaios críticos, com clara intenção de ser instrumento paradigmático de uma nova pedagogia. Para tanto, procedemos a uma revisão integral e cotejada do texto anterior, com ampliação da pesquisa de fontes bibliográficas primárias e secundárias.

Assim, a seção dedicada a resenhas e polêmicas contemporâneas às edições históricas da obra (1898 e 1905) ampliou-se significativamente, de 3 para 14 textos, selecionados aqui não só por sua

importância histórico-cultural-literária, mas igualmente para indicar o relativo sucesso de sua recepção há mais de cem anos.

Decidimos incluir, também, a partir do trabalho pioneiro de Vera Lins sobre os diários inéditos de Gonzaga Duque, um excerto relativo a 1900 e às celebrações oficiais do 4º Centenário do Descobrimento do Brasil. As referências do autor, aqui, excedem em ironia, que têm muito a ver com sua posição crítica em relação aos rumos da República, sobre a qual tantas esperanças e ilusões se sucederam, entre intelectuais e artistas, diante de seus rumos crescentemente oligárquicos e conservadores. A cena imprevista do negro anônimo escalando e tirando o véu do monumento cabralino é narrada com humor e realce, indicando uma outra perspectiva para nossa história.

E o que dizer de agora? Enredados que estamos em tempos de reação conservadora, a mais violenta, no Brasil e no mundo, a reedição de *Revoluções brasileiras*, de Gonzaga Duque, pode servir de estímulo a tantos outros estudos reveladores de vozes silenciadas e reprimidas – em nossa história passada e em nossa vida presente.

Afinal, seu relato se inicia sob o signo do Quilombo dos Palmares e da liderança de Zumbi, ao final do século XVII. E, ao longo de dezoito capítulos, repassa diferentes movimentos revolucionários, entre os quais a Guerra da Independência, na Bahia, a Confederação do Equador, no Nordeste, a Revolta da Cabanagem, no Pará. Termina com uma análise da Proclamação da República, em que parte significativa de nossa intelectualidade progressista, antiescravista e antimonárquica, depositou suas esperanças de um Brasil mais libertário, igualitário e solidário. Ilusões que em poucos anos soçobraram, inclusive no ideário de Gonzaga Duque: a República dos coronéis e dos oligarcas veio a vencer e dar as cartas.

Na contracorrente das certezas precárias, comparece aqui novamente Gonzaga Duque. Que seu esforço nos ensine e nos mostre enredos de uma história a ser sempre recontada. Que seu exemplo nos revigore a continuar lutando. Como a professora Josefina Carmen Rocha, que adotou *Revoluções brasileiras* na rede pública escolar do Paraná, em 1906, vamos nos inspirar em Gonzaga Duque

para seguir as trilhas de uma nova pedagogia. O Brasil a deseja e a exige. Disso não podemos duvidar.

São Paulo e Rio de Janeiro, agosto/setembro de 2025.
Vera Lins, Francisco Foot Hardman e Danielle Crepaldi Carvalho

PREFÁCIO À EDIÇÃO DE 1998

Esta é uma nova edição de *Revoluções brasileiras*, de Gonzaga Duque. Livro esdrúxulo na produção do romancista de *Mocidade morta*, do autor dos contos simbolistas de *Horto de mágoas* e do crítico de artes plásticas que escreveu *A arte brasileira*, *Graves e frívolos* e *Contemporâneos*, pode-se perguntar o que o levou a enveredar pela história política do país. Em geral, *Revoluções brasileiras* não é sequer mencionado pelos poucos autores que tratam de sua obra.

As edições anteriores são hoje raríssimas. A primeira, de 1898, com o subtítulo *Resumos históricos*, tem um prefácio do autor de março de 1897. Pode-se verificar um relativo sucesso de sua recepção na virada do século pelo artigo de Coelho Neto, na seção “Fagulhas”, na primeira página da *Gazeta de Notícias*; de Arthur Azevedo, em *O País*; e de Medeiros de Albuquerque, em *A Notícia*, todos do ano de sua publicação. Essas resenhas, por seu valor histórico, foram anexadas ao final da presente edição.

Documento localizado no Arquivo de Literatura Brasileira da Casa de Rui Barbosa confirma o objetivo do autor de ampliar o alcance da obra. Numa carta impressa e subscrita por Gonzaga Duque, com data de junho de 1898 – e reproduzida nos “Anexos” –, dirigida a todos os membros dos Conselhos de Instrução estaduais, afirma-se o caráter didático-formativo do livro, pleiteando sua

adoção “para complementar o ensino da história pátria” nas escolas públicas primárias e secundárias.

Revisto pelo autor, o livro foi reeditado, em 1905, com tiragem de “terceiro milheiro” e uma observação impressa em sua folha de rosto: “Obra aprovada e adotada pelo Conselho Superior de Instrução do Distrito Federal, dos Estados do Rio e do Paraná”. Além disso, no arquivo particular do autor, pertencente à Casa de Rui Barbosa, encontramos um interessante documento: em carta original, dirigida ao próprio Gonzaga Duque, datada de 30 de julho de 1906, a diretoria geral da Instrução Pública da Capital do Estado de Pernambuco encaminha-lhe a portaria de aprovação e adoção de *Revoluções brasileiras* nas escolas primárias do Recife.

Nessa segunda edição, Gonzaga Duque assina outra nota introdutória com o título de “Por que *Revoluções?*”. No entanto, apesar dessa segunda publicação, a estranheza do livro, seu não enquadramento nem a formatos literários nem a modelos históricos convencionais, explica muito do seu ulterior abandono.

Escritor minucioso, Gonzaga Duque retrabalhava palavra a palavra seus textos. A segunda edição é bem diferente da primeira pela reelaboração de frases e períodos inteiros, embora se mantenha a mesma estrutura. Essa edição foi feita a partir de um volume de 1905, encontrado em sua biblioteca, encadernado em couro e com as iniciais GD na lombada. O precioso nesse exemplar é que traz anotações com sua letra nas margens e nos rodapés, o que nos levou a presumir que Gonzaga Duque revia mais uma vez a obra com vista a uma nova edição. Encontramos, inclusive, referências esparsas ao aparecimento de uma possível terceira edição, o que, no entanto, não se confirmou. Pelo menos até o momento de finalizarmos a presente edição, após vários anos e acervos pesquisados, não houve nenhuma pista mais objetiva sobre a existência de tal anunciada publicação.

Todas as alterações manuscritas, feitas à tinta pelo autor, foram incorporadas ao presente texto, com notas dos organizadores, indicando o que figurava na segunda edição. Seus comentários, às vezes em papéis colados nas páginas do livro, se transformaram, aqui, em

notas de rodapé, assinadas como “N. A. – manuscrita”. Já as três únicas notas constantes da segunda edição vêm grafadas como “N. A., 1905”. Por fim, os comentários e as notas dos organizadores presentes em *Revoluções brasileiras* são destacados como “N. O.”.

Cotejamos as duas edições existentes, para esclarecer dúvidas quanto ao léxico e à pontuação. Nisso, erros tipográficos óbvios foram esclarecidos. Usamos como referência para a transcrição do texto as recentes edições de *Mocidade morta* (1995) e *Horto de mágoas* (1996), preparadas pelo setor de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Embora em *Revoluções brasileiras* Gonzaga Duque busque uma linguagem mais didática, não deixam de aparecer os termos raros e as construções complexas de seu universo vocabular, extremamente rico, em que convivem neologismos, arcaísmos e estrangeirismos. Sua consciência da linguagem como produtora de sentido seleciona e reordena os fatos, numa narrativa que busca semelhanças entre os movimentos revolucionários que relata. Adverte que a “exposição é feita de maneira a impressionar os seus jovens leitores”, compondo quadros e detalhes do “cenário de sangue e fogo da nossa passada existência nacional”. Por isso, embora adaptando certas formas às convenções que hoje vigoram, tentou-se alterar o menos possível sua escrita, em que o ritmo e a plasticidade configuram as imagens e movimentam a cena dramática.

Manteve-se, por exemplo, a elisão, como em “d’encontro”, “d’agonia”, “d’armas”, que Gonzaga Duque emprega com muita frequência em todos os seus livros. E permaneceu, em geral, a pontuação como a usou o autor, por interferir na atribuição de sentido. Conservaram-se também as oscilações quanto à grafia de certos vocábulos, como entre “artilharia” e “artilheria”, por serem comuns no português da época. Foram feitas notas apenas para algumas palavras que, não encontráveis no dicionário de Aurélio Buarque de Holanda, dificultariam a compreensão do texto.

Quanto à veracidade factual dos relatos, é evidente que ocorrem vários equívocos historiográficos ao longo da narrativa. Isso, aliás, também pode ser observado em outras obras do autor, como em

A arte brasileira. Boa parte de suas fontes eram secundárias e incorriam necessariamente nas convenções do historicismo positivista, em que a objetividade onisciente do narrador construía grandes quadros panorâmicos, repletos de laços e informações imprecisas. O que importou aqui, para além da precisão documental, foi ressaltar a concepção original desse livro, seja no plano da pedagogia republicana, seja no conteúdo político-ideológico do recorte temático com que opera, seja na elaboração estética de sua linguagem.

A concretização deste trabalho de pesquisa e edição tornou-se possível a partir do apoio proporcionado pela Fundação Casa de Rui Barbosa, pelo CNPq e pela Fapesp, instituições às quais os organizadores agradecem.

Rio de Janeiro e Campinas, 1998.

V. L. e F. F. H.

INTRODUÇÃO

Revoluções brasileiras é, antes de mais nada, um estranho e esquecido livro de um escritor excêntrico. É também um texto algo descolado do conjunto da obra de Gonzaga Duque, que fixou sua imagem intelectual muito mais como fundador da moderna crítica de artes plásticas no país, a partir do livro *A arte brasileira*, de 1888, e, em outro plano, como ficcionista de produção reduzida, mas com valor o bastante para torná-lo um dos melhores prosadores do simbolismo brasileiro.

O caráter inovador e ousado, tanto no conteúdo temático quanto no modo de exposição, do livro de Gonzaga Duque, não pode ser atribuído nem a uma estética simbolista nem a uma ideologia revolucionária orgânica que o autor não professava, em que pesem as simpatias pelo anarquismo de que temos exemplo nas páginas de seu diário ou mesmo em certas passagens de *Mocidade morta*, a que se acrescentam também algumas tacadas irônicas em relação ao socialismo gradualista, “de gabinete”, cultuado entre literatos. O que não o impediu de elogiar, em momentos particulares, alguns socialistas italianos de passagem pelo Brasil, como Alceste de Ambryos ou Enrico Ferri. Isso para não lembrar da novela anarquista que o autor escrevia, desde 1900, *Sangravidia*, que deixou inacabada, em

manuscrito, ao morrer, e em cuja abertura já professava a defesa dos ideais libertários:

O que é o anarquismo entre seus princípios? É a revolta contra a imperfeição do estabelecido. Demole-se o que não convém ou não presta. A sociedade, organizada como está, é imperfeitíssima. Todas as leis naturais e de adaptação se acham viciadas, começando pelo Estado. O Estado não administra, governa, manda; é uma ditadura. Não ampara, não educa, não.¹

A visão histórico-social de *Revoluções brasileiras*, bastante avançada na época, e seu tom radical põem-no ao lado das melhores páginas da literatura anarquista do período. Isso, porém, sem prejuízo da escrita simbolista, “artística”, cuidadosa na construção de imagens de movimento, ruptura da ordem, metamorfose e sinestesia. Embora se saiba das afinidades profundas entre simbolistas e movimentos sociais libertários na Europa, no Brasil, todavia, nas séries histórico-cultural, literária e social, os simbolistas têm sido vistos como grupo marginal, imitadores autossuficientes e desvinculados da “realidade nacional”. *Revoluções brasileiras* oferece matéria para se repensarem os lugares determinados por esses discursos classificatórios e seus esquemas de valor subjacentes.

Em artigo de 1966 sobre a obra de Gonzaga Duque, Carlos Maul sublinha a radicalidade de *Revoluções brasileiras* como um dos possíveis fatores da difícil inserção do autor entre seus contemporâneos, bem como de seu posterior relativo esquecimento pela história e pela crítica literárias:

Uma razão, além do desprezo explicável dos parnasianos, seria mais violenta para que dele não se cogitasse: o seu livro *Revoluções brasileiras*. É um compêndio didático em moldes que contrariam as normas da nossa literatura histórica tradicional, e em que Gonzaga

1 Gonzaga Duque. *Sangravidia*: romance libertário inacabado e inédito. Organização de Vera Lins, Francisco Foot Hardman e Danielle Crepaldi Carvalho. 1.ed. São Paulo: Editora da Unesp. *No prelo*.

reaviva o espírito das nossas rebeldias cívicas de forma a modificar conceitos inverídicos à luz de documentos sistematicamente omitidos ou desfigurados. Esse trabalho se opõe a critérios estabelecidos sobre bases artificiosas e convencionais, e esclarece dúvidas graves que se timbrava em ocultar ao povo. Quem, em matéria histórica, tinha doutrina firmada na verdade não podia ter acesso franco às consciências mal informadas. Daí as restrições que embaraçaram o sucesso de um escritor que rompia com os preconceitos e indicava o trajeto que convinha à descoberta da realidade.²

No entanto, na mesma linha de estranheza, trata-se de uma narrativa que pretende ser exemplar, inclusive mediante a tensão provocada por seu estilo épico-dramático. O livro está composto em dezoito capítulos, que começam com a formação e a destruição do Quilombo dos Palmares (1630-1695), o que revela um critério historiográfico incomum e polêmico, e terminam com a proclamação da República em 15 de novembro de 1889. Trata-se, sem dúvida, de um conjunto interessante de “resumos históricos”, que impressiona pela originalidade do recorte e densidade dramática produzidas com tal encadeamento de episódios e movimento. Ao justificar, na nota introdutória, sua metodologia inusual, Gonzaga Duque submete a divisão de assuntos e períodos, a exposição de fatos e o andamento da narração ao poder efetivo que a palavra assim empenhada possa ter na adesão de seus “jovens leitores” à causa maior da obra.

Com esses “resumos históricos” aparentemente despojados, objetiva-se montar um programa de formação cívica da juventude, fundado nas ideias republicanas de povo, pátria, liberdade, cidadania. A história das revoluções brasileiras traçada aqui é, assim, também a busca das raízes de uma identidade nacional-popular que, à imagem do terceiro estado e de 1789, faça valer a noção de república como fruto mais bem-acabado da revolução. E vice-versa: a revolução verdadeira como aquela que objetiva a transformação do

2 Maul, Carlos. O Gonzaga Duque que eu conheci. *Jornal do Comércio* (Folhetim), 7 maio 1966.

governo no sentido da república, que conduz, mesmo que parcialmente, à meta da “posse do governo do povo pelo povo”.

Se não resta dúvida quanto ao caráter inovador e radical deste livro no contexto da historiografia oficial do período, e mesmo no da produção panfletária do movimento operário anarquista ou socialista, os limites da revolução, em *Revoluções brasileiras*, são os da república burguesa dos anos 1890 no Brasil, em sua versão jacobino-militarista ou oligárquica. Gonzaga Duque participou, como tantos escritores e intelectuais de sua geração, do processo de encantamento-desilusão com os rumos do regime fundado na divisa positivista de “ordem e progresso”. Os ritmos, estilos e formas de expressão desse envolvimento desencantado com a república do progresso terão resultados múltiplos e variados, mas que atingirão, muitas vezes de modo trágico, as experiências e obras de autores como Silva Jardim, Raul Pompéia, Euclides da Cunha e Alberto Rangel. Gonzaga Duque lhes faz companhia nessa vertente dos “antigos modernistas”. Todos foram republicanos de primeira hora e se desiludiram. Nenhum deles foi positivista canônico: guardaram sempre algo de um ceticismo melancólico que, pouco mais tarde, redundou em literatura “artística” ou em memorialismo de resistência.

Escritor atuante na revista *Kosmos*, no artigo “O cabaré de Yvonne, recordação de um tempo”, de novembro de 1908, lembrando o local onde se reunia a boemia da virada do século, Gonzaga Duque diz que, embora discutissem outros assuntos, eram todos republicanos e, se preciso fosse, defenderiam a República por todos os meios. Mas, ainda nesse mesmo artigo, menciona que essa teria se tornado mais uma realização dos sonhos do exército do que do desejo desses jovens românticos.

Em outro artigo, também publicado na revista *Kosmos*, em 1907, e, mais tarde, incluído o livro *Contemporâneos*, Gonzaga Duque conta um episódio que envolve a República recém-proclamada, a Academia de Belas-Artes e as atitudes libertárias de um grupo de pintores, pois a derrubada da monarquia, em novembro de 1889, “veio trazer largas promessas a essa mocidade. Pensaram todos que